

Percepções de professores sobre os desafios impostos à docência diante de uma geração de estudantes superconectados

Teachers' perceptions of the challenges imposed to teaching in the face of a generation of hypersuperconnected students

Percepciones de los docentes sobre los desafíos que enfrenta la enseñanza ante una generación de estudiantes hiperconectados

Lucélia Peron¹

<https://orcid.org/0000-0002-3112-9064>

Luciana Passos Sá²

<https://orcid.org/0000-0003-0649-7938>

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Chapecó, Santa Catarina – Brasil. E-mail: luc.peron@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina – Brasil. E-mail: lucianapsa@gmail.com.

Resumo

Esse artigo tem como objetivo discutir as percepções de professores da área de ensino de ciências e de matemática sobre o perfil dos estudantes que frequentam o ensino médio nesta segunda década do século XXI e sobre os desafios vivenciados pela docência neste atual cenário. Para tanto, foram realizadas entrevistas com 25 professores atuantes neste nível de ensino, no estado de Santa Catarina. Dentre outros aspectos, buscamos compreender como a dinamicidade de um mundo tão tecnológico e imediatista tem modificado o comportamento dos estudantes e a rotina da sala de aula. Em nossa análise, usamos como referenciais teóricos autores como Serres (2013), Twenge (2018) e Desmurget (2021), que vêm discutindo sobre as características e os comportamentos desta nova geração, assim como sobre a influência das mídias digitais no modo de vida desses sujeitos. Os principais resultados apontam para a necessidade de se ressignificar as formas de ensinar e aprender dentro da sala de aula, de modo a atender as demandas de um novo perfil de estudante, cada vez mais conectado às tecnologias digitais.

Palavras-chave: Tecnologias. Trabalho docente. Nova geração de estudantes.

Abstract

This article aims to discuss the perceptions of teachers in the area of Science and Mathematics teaching about the profile of students who attend high school in this second decade of the 21st century and about the challenges experienced to teaching in this current scenario. For that, interviews were conducted with 25 teachers working at this level of education in the state of Santa Catarina. Among other aspects, we seek to understand how the dynamism of such a technological and immediatist world has modified student behavior and classroom routine. In our analysis, we use as theoretical references authors such as Serres (2013), Twenge (2018) and Desmurget (2021), who have been discussing the characteristics and behaviors of this new generation, as well as the influence of digital media on the way of life of these students. The main results point to the need to reframe the ways of teaching and learning within the classroom, in order to meet the demands of a new student profile, increasingly connected to digital technologies.

Keywords: Digital technologies. Teaching work. New generation of students.



Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir las percepciones de los profesores de ciencias y matemáticas sobre el perfil de los alumnos que frecuentan la enseñanza media en la segunda década del siglo XXI y sobre los desafíos experimentados por la enseñanza en este escenario auténtico. Para tal, se realizaron entrevistas a 25 profesores que trabajan en este nivel de enseñanza en el estado de Santa Catarina. Entre otros aspectos, buscamos comprender cómo el dinamismo de un mundo tan tecnológico e inmediato ha modificado el comportamiento de los alumnos y la rutina del aula. En nuestro análisis, utilizamos como referencias teóricas, autores como Serres (2013), Twenge (2018) y Desmurget (2021), que vienen discutiendo las características y comportamientos de esta nueva generación, así como la influencia de los medios digitales en el modo de vida de estos sujetos. Los principales resultados apuntan a la necesidad de replantear las maneras de enseñar y aprender dentro del aula, con el fin de satisfacer las demandas de un nuevo perfil de estudiante, cada vez más conectado a las tecnologías digitales.

Palabras clave: Tecnologías. Labor docente. Nueva generación de estudiantes.

1 Introdução

A menina uniformizada desce do ônibus com os olhos fixos no *smartphone*. Digita com destreza os polegares sobre o pequeno teclado. Fones nos ouvidos e uma mochila nas costas, parece alheia ao que acontece em sua volta. Sorri sozinha, presa à tela, enquanto caminha em direção a sua casa. Um sinal sonoro indica que alguém “curtiu” seu post no *facebook*. Bom. Entra em casa, fala um “oi” desatento, larga a mochila em um canto e segue para o computador. Lê e escreve, conversa com amigos e interage em sites diversos [...]. Entre fotos, comentários nas redes sociais, um novo aplicativo, alguma coisa na internet, o dia passa (Alevato, 2015, p. 220).

Consideramos improvável que qualquer pessoa diante da descrição supracitada não identifique relação entre o comportamento da menina imersa no mundo digital e o comportamento de membros da sua própria família, de seus amigos, de seus estudantes e/ou, quiçá, do seu próprio. Tal rotina faz parte da vida de muitas crianças, adolescentes e jovens e é um exemplo de como as tecnologias mudaram o cotidiano, os hábitos e o modo de ser humano.

Em uma época em que o virtual, o simultâneo, o imediato e a conexão planetária provocam mudanças nas características das atuais gerações, as instituições de ensino estão sendo obrigadas a repensar a sua organização e seu funcionamento. Consequentemente, docentes sentem a necessidade de reverem suas posturas, metodologias e estratégias de ensino, de modo a atenderem às necessidades de uma geração “altamente conectada, que é a primeira a ter aprendido mais palavras de uma máquina do que de uma mãe” (Berardi, 2019, p. 8).

Na obra *Polegarzinha*, Serres (2013) esclarece que, para ensinarmos algo a alguém, é necessário que se conheça esse alguém. Mas o que será que sabemos sobre os estudantes que

hoje frequentam as escolas? De acordo com Serres, os estudantes desta nova geração não têm mais o mesmo comportamento, porque são crianças e jovens que: não habitam mais a mesma Terra; não têm mais a mesma relação com o mundo; gostam do lazer e do turismo; estudam em um grupo composto de várias religiões, línguas, origens e costumes; são formatados pela mídia, propaganda e publicidade, que ofuscam a escola e os professores; habitam o mundo virtual; manipulam várias informações ao mesmo tempo; têm acesso a todas as pessoas pelo celular e a todos os lugares pelo GPS; e acessam infinitos conhecimentos pela internet.

Ainda, segundo o autor, temos um novo ser humano, que não pensa como os pais, pois conhecem o mundo de outra forma; escrevem de maneira diferente; enviam mensagens com os polegares; não falam mais a mesma língua e não vão ocupar as mesmas profissões, pois os trabalhos também se modificaram, ou seja, são sujeitos que vivem outra história, pois o mundo não é mais o mesmo e nem os seus habitantes.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo discutir o comportamento de estudantes que frequentam o ensino médio nesta segunda década do século XXI e os desafios vivenciados pelos professores diante das demandas que se apresentam neste cenário. Nesse sentido, apresentamos reflexões sobre o perfil das atuais gerações e os efeitos da internet, das telas digitais e das redes sociais no comportamento de crianças e jovens. Essas reflexões se pautam, principalmente, em dados obtidos a partir de uma revisão bibliográfica e de relatos de professoras e professores, atuantes na educação básica, acerca de suas impressões sobre o comportamento dos estudantes neste cenário dinâmico e tecnológico.

Autores como Serres (2013), Twenge (2018) e Desmurget (2021) lançam luz a essa discussão que engloba os desafios impostos aos pais, professores e todos aqueles que, de alguma forma, lidam com as demandas educacionais que se impõem no mundo contemporâneo. Entre outros pontos, discutimos sobre as características desta geração, denominada de geração Z/*Centennials*/*iGen*/Polegarzinha¹ e seu comportamento, abordando a influência das mídias digitais no modo de vida desses sujeitos.

¹ A utilização do termo “geração” não é apenas para se referir a um período de tempo, mas sim a um conjunto de elementos materiais, culturais e sociais que determinam o comportamento, os interesses e as expectativas de um grupo de indivíduos. Nesse artigo, os termos Z, *Centennials*, *iGen*, Polegarzinha se referem aos nascidos no Brasil a partir do ano 2000, quando já existia internet, celulares, redes sociais.

Cabe destacar que este estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla de doutorado, que está em andamento, e que tem como objeto de estudo uma temática amplamente discutida e problematizada nas últimas décadas: o desenvolvimento profissional docente.

2 Caminho metodológico

A pesquisa mais ampla da tese de doutorado, da qual se origina os resultados apresentados neste artigo, apresenta natureza qualitativa e se caracteriza como uma pesquisa colaborativa, por compreender, simultaneamente, a produção de conhecimentos e a formação continuada de professores. Considerada espaço tanto de investigação quanto de formação profissional, a pesquisa colaborativa compreende, ao mesmo tempo: um processo de co-construção entre os envolvidos; atividades de produção de conhecimentos e de desenvolvimento profissional docente; e aproximação entre universidade e escola (Desgagné, 2007).

Pesquisas realizadas, nessa perspectiva, investigam a prática de ensinar como um fenômeno que se relaciona com um contexto social, cultural e político amplos. Assim, o potencial desse tipo de investigação está no fato de, ao se considerar a realidade macrossocial, possibilitar com que os indivíduos compreendam aquilo que vivenciam cotidianamente em sua vida profissional e que indaguem sobre a realidade educativa (Ibiapina; Ferreira, 2005).

De acordo com Gasparotto e Menegassi (2016), a pesquisa colaborativa vem apresentando resultados significativos para a formação docente e para os processos de ensino e aprendizagem, entre outras razões, por ir além de ações como ouvir professores, observar o ambiente escolar e avaliá-lo. O objetivo é discutir, junto com os professores, a realidade de seu trabalho, as dificuldades encontradas e oferecer subsídios teóricos e metodológicos para a implementação de novas práticas que ressignifiquem seu trabalho. Para os autores, essa modalidade de pesquisa vem se mostrando uma possibilidade de diminuir as diferenças entre o que se produz na academia e o que se pratica na educação básica.

A pesquisa se desenvolve em duas etapas principais: a primeira consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com professores que atuavam no ensino médio, nas disciplinas das áreas de ciências da natureza e matemática, tanto na rede estadual como particular de ensino, no estado de Santa Catarina. O propósito das entrevistas foi buscar compreender, entre outros aspectos, os principais anseios, desafios e necessidades formativas desses profissionais no

cenário educacional contemporâneo. Vale destacar que o foco para ciências da natureza e matemática é em função da proximidade das autoras com as áreas. A segunda etapa englobou o desenvolvimento de um curso de formação que teve como propósito constituir uma comunidade colaborativa e investigativa, dentro da qual se buscou promover um espaço para o planejamento e a discussão de propostas didáticas mais alinhadas à dinamicidade da sociedade contemporânea, às características dos atuais estudantes e às mudanças curriculares em curso (Novo Ensino Médio – NEM).

Neste artigo, temos como foco a análise dos dados obtidos na primeira etapa da pesquisa, que consistiu na realização de entrevistas com 25 professores das áreas de ciências da natureza e matemática. Utilizamos a entrevista porque, segundo Gil (2021), ela é reconhecida como uma das técnicas mais importantes para a coleta de dados em pesquisas qualitativas, em função da sua flexibilidade e agilidade. Além disso, segundo Ibiapina (2008), na pesquisa colaborativa a entrevista é marcada pela dimensão do social e compreendida como uma produção de linguagem. Por essa razão, a entrevista não se reduz a uma mera interação de perguntas e respostas, mas a um diálogo em que os sentidos são criados. Nesse momento, ao se expressarem, os professores carregam o tom de outras vozes, que refletem a realidade do grupo ao qual pertence. Ou seja, as entrevistas trazem à tona modos de agir, ações vivenciadas, conflitos, problemas, ideias e necessidades.

A seleção dos entrevistados aconteceu de forma aleatória, mediante consulta de interesse em participar da pesquisa. Para tanto, foram visitadas diversas escolas e enviados convites por e-mail para diferentes professores. As entrevistas foram realizadas individualmente, no segundo semestre do ano 2022. Optou-se pela forma on-line e síncrona, de modo a permitir a comunicação verbal e não-verbal, sendo essas entrevistas posteriormente gravadas e transcritas. A gravação ocorreu mediante autorização verbal do participante e, também, expressa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Para conduzir as entrevistas, utilizou-se um roteiro de perguntas pré-definido, composto por indagações sobre o perfil dos participantes e por questões que abordam o perfil e as características dos atuais estudantes, as mudanças curriculares em curso (NEM), os desafios da docência e as atuais necessidades formativas dos professores.

Em relação ao perfil dos participantes, verificou-se que eram professores que viviam e trabalhavam em cidades de grande, médio e pequeno portes, localizadas em regiões metropolitanas e no interior do estado de Santa Catarina. Na época, a faixa etária destes

docentes variava de 22 a 61 anos, sendo que a maioria, 68%, tinha menos de 40 anos de idade. Outros 24% tinham entre 40 e 49 anos e 8% tinham 60 anos ou mais. Em relação ao tempo de docência, alguns estavam em início de carreira, mas a maioria, 56%, já tinha uma longa experiência, com 10 anos ou mais de atuação como professor. Sobre a formação acadêmica, um participante, que estava no primeiro ano de docência, tinha apenas a graduação. Os demais tinham, pelo menos, um curso de pós-graduação a nível de especialização, mestrado e/ou doutorado. Vale destacar que um dos professores é doutor e, dos 13 que já tinham mestrado, 4 estavam cursando doutorado.

Cabe informar que a pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, por meio do Parecer Nº 5.720.407 e, portanto, atende às exigências éticas cabíveis em estudos dessa natureza. Para preservar o anonimato dos participantes e atender aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, são utilizados nomes fictícios.

Em relação a análise dos dados, ela segue os pressupostos do referencial teórico e metodológico da pesquisa colaborativa e, portanto, se estrutura em eixos temáticos que abordam unidades de discussão específicas tratadas no decorrer da pesquisa. Neste texto, abordamos o eixo que problematiza as consequências do intenso uso da internet, das telas e redes sociais pelos jovens, o que os torna uma geração de estudantes com um padrão de conduta muito singular, desafiando o trabalho cotidiano dos professores em sala de aula. No próximo tópico buscamos estabelecer um diálogo entre as percepções dos professores e autores que foram suporte na realização desta pesquisa.

3 Afinal, quem são os estudantes que habitam o espaço escolar nesta segunda década do século XXI?

A psicóloga, professora e autora Jean Twenge, no livro “iGen: por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a idade adulta”, nos apresenta amplas e profundas reflexões sobre o perfil de adolescentes e jovens nascidos a partir de 1995. É importante esclarecer que o termo iGen foi criado pela autora para definir essa geração – também chamada de geração Z ou *Centennials* – sendo a letra “i” utilizada para fazer alusão a palavras como internet, *iPhone* e *iPad*. Twenge (2018) nos lembra ainda que a geração *iGen* cresceu com celulares, contas nas

redes sociais e não possui memórias de um tempo que existiu antes do advento da internet. Isso faz com que os *iGen*'s sejam diferentes na forma de passarem o tempo, de socializarem e de se posicionarem em relação à vida, à escola, ao trabalho, à política, à religião, à sexualidade, entre outros.

Em pesquisa realizada nos EUA, com 11 milhões de jovens, Twenge (2018) concluiu que eles têm uma relação íntima com a hiperconectividade, não têm pressa para crescerem e demoram mais para assumirem responsabilidades e prazeres da vida adulta. Como consequência, agem como crianças, gostam da superproteção dos pais, são mais ingênuos, adiam as atividades da vida adulta, pois muitos associam o fato de ser criança a menos estresse e mais diversão. A autora também faz referência ao neologismo “adulterar”, surgido em 2014, que significa assumir responsabilidades. Nesse sentido, a autora destaca algumas postagens extraídas do antigo Twitter, como a *hashtag* *#adulterating* e comentários como “‘uma coisa que eu detesto em adulterar é pagar contas’, ‘vou ficar deitado na cama... hoje não estou a fim de adulterar’. [...] ‘Adulterar é péssimo. Quero desistir’” (Twenge, 2018, p. 64-65). No entendimento desses jovens, a palavra adulto indica o fim de um período de diversão e excesso de responsabilidades. Nesse sentido, a adolescência se torna mais uma extensão da infância do que o início da vida adulta.

Em sua obra, Twenge (2018) também destaca a intensa frequência da interação dos jovens pela internet e o menor tempo dedicado à convivência presencial com amigos e familiares, comportamento que pode ser associado ao aumento, sem precedentes, de casos de ansiedade, depressão, solidão e mutilação. A autora evidenciou que, aproximadamente, 31% dos estudantes que frequentam o ensino médio declaravam sentir solidão e que o nível de depressão é maior nas meninas, chegando a 33%, contra 21% nos meninos. Uma possível razão para esse dado é o fato de as meninas passarem mais tempo nas redes sociais do que os meninos. Diante desse contexto, Twenge alerta que, apesar de os jovens parecerem felizes no mundo online, sorrindo nas fotos do Instagram, no fundo, a realidade é outra. Eles estão à beira da mais grave crise juvenil de saúde mental das últimas décadas.

Segundo Twenge (2018), quanto maior o tempo de exposição às telas, mais infelizes, depressivos, solitários, inertes, insatisfeitos com a vida, silenciosos e propensos ao suicídio esses jovens estarão. A autora adverte ainda que, mesmo que a internet os ajude a se interconectarem por mensagens, fotos, vídeos, isso não atenua a solidão. Eles estão cada vez

mais sozinhos e propensos a se sentirem excluídos e mais adeptos a ideias como: “não consigo fazer nada certo”; “minha vida é inútil”; “não aproveito a vida como um todo”.

A dependência pela internet é um fenômeno global que está presente em todas as idades, nível educacional e classe social, e o Brasil ocupa o primeiro lugar no mundo em termos de tempo de uso. Nesse sentido, Flanzer (2020), no livro intitulado “Jovens em tempos digitais”, alerta que, como hoje se tornou “obrigatório” o uso dos dispositivos móveis, os laços sociais que ocorrem por meio das telas têm promovido inúmeras consequências, entre elas: queda no rendimento escolar; desinteresse por atividades esportivas; choro fácil; diminuição dos cuidados com a própria aparência, alimentação e higiene pessoal; reclusão; isolamento social; apatia; sedentarismo; obesidade; lesão por esforço repetitivo (LER); lesões nos olhos; dor de cabeça e, conseqüentemente, aumento do número de casos de depressão; automutilação; ideias suicidas; diagnósticos de hiperatividade, ansiedade, insônia, irritabilidade e baixa autoestima; entre outros fenômenos.

Diante do exposto, questionamos os professores sobre as suas impressões acerca do perfil e do comportamento dos seus estudantes em relação à escola, à vida e à sociedade. Nesse sentido, Marcelo relata:

Eu descreveria o perfil dos meus estudantes do ensino médio, em uma palavra: perdidos. Eles têm um leque de escolhas, em todos os aspectos, gigantesco. E isso está sendo muito difícil para eles. Os estudantes não conseguem filtrar e escolher o que eles querem, o que eles gostam. Antigamente, nossas escolhas eram entre ser jogador de futebol, médico, advogado, professor, engenheiro. Hoje tem profissões que se destacam muito mais. O Youtube e a internet trouxeram muitas profissões que trazem o glamour do artista. [...] Muitos alunos querendo ser Youtuber, já têm o seu próprio canal, estão buscando outros caminhos e os pais e os professores não estão preparados para orientar sobre isso. Eles estão fazendo escolhas que não são comuns, tradicional no entendimento da sociedade, e isso deixa eles muito perdidos, porque eles não têm uma orientação sobre aquilo que eles querem, e aquilo que a gente sugere não agrada mais eles, não anima, não empolga. É muito complicado. Eu vejo uma geração perdida por causa desses fatores (Marcelo, 34 anos, 8 anos de profissão).

Na mesma direção, Júlia também vê como nociva essa excessiva conectividade dos jovens às tecnologias, ressaltando ainda outros problemas potencializados pelo mundo virtual, como discriminações, agressões e uso de drogas. Segundo a professora:

[...] eles vêm desinteressados para a escola, não tem motivação para estudar, querem fazer qualquer coisa, menos estudar. São estudantes pertencentes a uma geração um pouco ingênua, iludida com as redes sociais, que fica o tempo todo no celular, mas não buscando conhecimento, só buscando um monte de informação. Gostam de vídeos, TikTok, dancinhas, jogos, músicas, essas coisas assim, mas é muito raso. É uma relação muito superficial na convivência, na tolerância, com muito preconceito, machismo, racismo, xenofobia. Eles também relatam problemas de depressão, desânimo, tristeza, ansiedade, uso de drogas, fumam. Eles têm uma carga emocional muito grande, e a gente não consegue ajudar (Júlia, 48 anos, 12 anos de profissão).

Tanto Júlia como Marcelo mencionam que, muitas vezes, professores e familiares não conseguem ajudar o estudante a lidar com a carga emocional trazida pelo excesso de informações diárias, oriundas da internet, e o resultado disso é o crescente aumento no número de transtornos mentais e o uso de drogas. Sobre este último, um estudo que merece destaque é o desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em parceria com a Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes (JIFE). Um relatório divulgado em março de 2022 mostrou uma ligação entre a exposição às redes sociais e o uso de drogas. Segundo dados deste relatório, “Esta conexão afeta diretamente os mais jovens, que representam tanto o grupo que mais usa mídias sociais, quanto o que ostenta as maiores taxas de abuso de drogas”.

Também merece destaque a resposta de Renato, que menciona a forma acelerada e superficial com a qual as informações são transmitidas e a ansiedade gerada nos jovens, que demonstram dificuldades em situações que exigem paciência e concentração.

Temos um perfil de estudante que vive num mundo tecnológico, das mídias, do celular, redes sociais, TikTok, Youtube, onde tem acesso a muitas informações e de maneira muito rápida. Por exemplo, os vídeos são cada vez menores, então ninguém mais tem paciência para assistir um vídeo de dez minutos. É uma geração que está acostumada com tudo muito rápido, e isso vai subjetivando-os e eles não querem mais ter uma aula de 40 minutos, ficar assistindo slides e prestando atenção num assunto. Eu sinto que a característica deles é de querer tudo muito rápido, de não ter a paciência de esperar e entender que certos processos demoram mais que outros, que não dá pra gente relativizar tudo em microaulas, micro coisas. A impaciência e a ansiedade são muito grandes, é uma geração muito ansiosa, que está alerta pra tudo e ao mesmo tempo não está pra nada. É uma geração diferente, com muita pressa, tudo tem que ser ágil, instantâneo, estar em movimento (Renato, 27 anos, 6 anos de profissão).

Diante desse perfil, Bauman e Leoncini (2018) enfatizam que os “nascidos em tempos líquidos” são o retrato do nosso tempo flutuante. Como nasceram em um mundo tecnológico, são inquietos e estão em permanente mudança em função do advento dos celulares e das redes sociais. São sujeitos que sofrem com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos

de desejos materiais quanto os de conhecimento, pois, com a mesma velocidade que eles obtêm coisas novas, estas mesmas coisas, em seguida, se tornam obsoletas. Isso faz com que nós tenhamos dificuldades de reconhecer suas características.

Crianças, adolescentes e jovens da atualidade, segundo Desmurget (2021), são compreendidos como “uma geração diferente”, porque as telas transformaram o funcionamento intelectual e a relação que eles mantêm com o mundo, fazendo com que uma de suas características seja a impaciência. Como cresceram em um tempo em que já existia internet e redes sociais, a tecnologia transforma-se na língua materna destes sujeitos, que se tornam fluentes na linguagem digital dos computadores, celulares, jogos e redes sociais.

Ainda, de acordo com Desmurget (2021), vários discursos propagam a informação de que os estudantes mudaram radicalmente e não são mais as pessoas que nosso sistema educacional se preparou para ensinar. Como “são rápidos, multifuncionais e sabem zapear com facilidade” (Desmurget, 2021, p. 20) muitas abordagens pedagógicas, antes vistas como eficientes, tornaram-se obsoletas. São sujeitos que dominam uma variedade de ferramentas digitais que nós, de gerações anteriores, jamais conseguiremos com o mesmo nível de habilidade, pois tais ferramentas atuam como uma espécie de extensão do cérebro deles.

Outro ponto levantado por Desmurget (2021) que merece destaque nessa análise é a sua observação sobre estudos que evidenciaram que, apesar de toda essa facilidade de transitar pelo mundo virtual, muitos jovens apresentam grandes dificuldades em dominar competências de informática básicas, como utilizar um processador de texto, trabalhar com planilhas ou manipular um documento em vídeo. Também apresentam enormes dificuldades para processar, selecionar, ordenar, avaliar, sintetizar e refletir sobre as inúmeras informações e dados armazenados na Web. Essa ideia é corroborada nas falas de Marta e Cristina.

Hoje, os estudantes gostam das tecnologias, mas eles não sabem utilizar. O que eles sabem utilizar são as redes sociais. Um ou outro sabe construir alguns vídeos nos aplicativos. Eles não sabem inserir uma imagem em um slide, formatar a letra, deixar justificado, centralizar a linha, negritar. E são alunos do ensino médio! Eu tenho trabalhado muito gráfico no Excel, e eles usam o modelo que o Excel dá e pronto. Eles não trocam a cor, não investigam, não ficam ‘brincando’ com as ferramentas. Temos investido bastante nessa questão de eles aprenderem a estrutura de um trabalho científico, como escrever, formatar, produzir vídeos, documentários, gravação, enquadramento, oficinas de fotografias. Tem várias atividades voltadas para a utilização de recursos tecnológicos, só que eles não sabem utilizar. Eles querem pesquisar no Google e que o Google dê tudo pronto. Eles têm muita informação e muitos recursos, mas acabam usando para passar o tempo mesmo. O nosso maior problema é tirar eles do celular. Às vezes, a gente é “nada” lá na sala, não escutam a aula, só ficam no celular e redes sociais (Marta, 30 anos, 5 anos de profissão).

Os estudantes não sabem utilizar as tecnologias. Eles sabem utilizar as redes sociais e se comunicam muito bem nelas, lidam com a internet, assistem vídeos, postam fotos. Mas coisas que envolvem tecnologia relacionadas à educação e ao estudo eles têm muita dificuldade. Eles não conhecem o Canva, não querem trabalhar com editor de texto, até com o e-mail eles têm dificuldades. Então, tem uma moeda com dois lados, às vezes você tem uma estrutura na escola com laboratórios, equipamentos; você tem uma geração que já nasceu com o celular na mão, mas eles têm muitas dificuldades com a tecnologia voltada para a aprendizagem (Cristina, 26 anos, 4 anos de profissão).

Analisando as falas das professoras, que se baseiam nas suas experiências com jovens que frequentam o ensino médio, fica evidente que eles têm grande habilidade e agilidade para interagir em redes sociais, como Facebook e Instagram, ou enviar e receber mensagens via aplicativos de mensagens instantâneas, como o WhatsApp. No entanto, quando se trata de lidar com ferramentas e *softwares* que poderiam contribuir com a aprendizagem, muitos deles demonstram despreparo. Segundo Desmurget (2021), isso ocorre porque eles se dedicam, prioritariamente, a atividades recreativas, como: assistir filmes, séries, clipes musicais e vídeos diversos; interagir nas redes sociais e por meio de *chats*; jogar e visitar sites comerciais. Em contrapartida, pouco tempo é dedicado para ler, escrever, estudar e criar. “Neste contexto, acreditar que os nativos digitais são os tenores da informática é confundir um carro de boi com um foguete interestrelar” (Desmurget, 2021, p. 26).

Um estudo mencionado por Desmurget (2021) destaca ainda que nos anos 1990 a utilização pessoal de um computador estava positivamente correlacionada ao desempenho em matemática, enquanto nos anos 2000 a utilização das ferramentas digitais pelas crianças, adolescentes e jovens passa a ser essencialmente para diversão. O autor evidencia ainda que adultos e idosos se revelam, em termos de uso das tecnologias digitais, tão competentes e assíduos quanto os jovens, pois eles são capazes, sem grandes dificuldades, de utilizar celulares,

tablets ou computadores para compras, acessar Facebook, Instagram, WhatsApp, YouTube ou jogar videogames com seus netos.

A partir das narrativas dos professores fica evidente que os artefatos digitais e a conectividade são cruciais na vida dos jovens pertencentes à geração *iGen*. Contudo, é preciso questionar os efeitos desses aparatos nas suas rotinas e hábitos. Que tipo de experiências essa imersão no mundo digital está proporcionando para crianças, adolescentes e jovens? O que estamos conseguindo captar da experiência desses estudantes com a internet, celulares e redes sociais?

Para Michel Serres (2013), essa geração, por ele denominada de Polegarzinha, vive outros tempos e isso faz com que as crianças, adolescente e jovens da atualidade se diferenciem de seus antecessores, entre outras razões, por: habitarem um planeta em que a vida física não é mais a mesma; pertencerem a sociedades que vivem profundas e contínuas mudanças; e estarem mergulhados no mundo on-line, com toda a sua atenção voltada para os meios digitais, tecnologias e seus aparatos.

Ao analisar o comportamento de uma adolescente inglesa que enviou mais de três mil mensagens de texto em um único mês, Bauman (2011) propõe uma reflexão sobre o tempo dedicado por esta jovem a esta função. Na sua análise, Bauman concluiu que, para enviar essa quantidade de mensagens,

significa que ela mandou uma média de cem mensagens por dia, ou cerca de uma mensagem a cada 10 minutos do tempo em que estava acordada - manhã, tarde e noite, dias úteis e fins de semana, tempos de aula, horas de almoçar e fazer dever de casa, de escovar os dentes. [...] Ela deve ter se esquecido de como uma pessoa vive, pensa, faz as coisas, ri ou chora na companhia de si mesma (Bauman, 2011, p. 13).

Esse acontecimento não é um fato isolado. No dia a dia podemos perceber que jovens, adolescentes e até crianças dedicam bastante tempo em aplicativos e redes sociais, como WhatsApp, Facebook e Instagram. Este tipo de comportamento tem interferido no rendimento escolar destes estudantes, justamente pela dificuldade que eles sentem em se “desconectarem” do mundo virtual durante as aulas. O celular e as redes sociais podem ser considerados as novas drogas que os adolescentes se viciaram, já que enfrentam crises de abstinência, traduzidas em angústia, quando “um vírus (pai ou professores) lhes bloqueia o acesso à internet ou desliga seus celulares” (Bauman, 2011, p. 14).

Em relação ao uso e ao tempo dedicado aos celulares, tablets, computadores, videogames ou televisão, Desmurget (2021) destaca que

a partir dos 2 anos, as crianças acumulam diariamente quase 50 minutos diante das telas. Entre 2 e 8 anos, esse tempo é de 2h45min. Entre 8 e 12 anos, os jovens passam aproximadamente 4h45min diante dela. Entre 13 e 18 anos, eles chegam perto de 7h15min. Ao fim de um ano, isso totaliza mais de 1.000 horas para um aluno da pré-escola, 1.700 horas para um estudante do nível fundamental e 2.650 horas para alunos do ensino médio. Expresso em fração do tempo diário, isso resulta, respectivamente, em 20%, 32% e 45%. Ao longo dos 18 primeiros anos de vida, esse tempo representa o equivalente a quase 30 anos letivos, ou, se preferirmos, 15 anos de um emprego em tempo integral (Desmurget, 2021, p. 9).

Diante disso, o autor ressalta que o excessivo uso das telas para recreação tem trazido prejuízos de ordem social, emocional, cognitiva e escolar para crianças, adolescentes e jovens conectados. E é contundente ao afirmar que todas as dimensões estão sendo afetadas, “desde o somático (obesidade, maturação cardiovascular), até o emocional (agressividade, ansiedade), passando pelo cognitivo (linguagem, concentração); tantos danos, seguramente, não deixariam ileso o desempenho escolar” (Desmurget, 2021, p.10).

É importante ainda mencionar que situações como as relatadas pelos entrevistados, sobre o tempo excessivo dedicado pelos jovens às telas, se intensificaram ainda mais durante a pandemia causada pelo SARS-CoV-2, especialmente em 2020, quando o trabalho, o lazer e o estudo ficaram dependentes da internet, do computador e do celular, pois quase tudo acontecia por meio das telas. Nessa direção, Cristina e Roberto relatam o seguinte:

Temos um estudante desmotivado. A gente tem dificuldade de cativar eles, eu acho que a gente não consegue apresentar nada interessante pra eles, ou seja, nada é interessante o suficiente para eles se dedicarem. E com a pandemia de COVID-19 isso piorou. Só querem ficar no celular e redes sociais. Além disso, muitos estudantes que já tinham ansiedade, agora com fobia social; muitos deles não querendo retornar pra escola. Parece que tem uma lacuna, de muitos anos, como se tivesse simplesmente parado o tempo nesse período. A gente está tendo que acostumar de novo eles com o ritmo da escola, de como funciona, que tem hora pra entrar, que tem hora pra sair, que tem regras, hora pra falar, pra ouvir, que tem que estudar, fazer tarefas em casa (Cristina, 26 anos, 4 anos de profissão).

Os estudantes não são mais os mesmos. Eles têm menos interesse pelo estudo, pois têm muitas opções tecnológicas que os cativa. Gastamos muito tempo e energia para ficar chamando a atenção deles e incentivando para que estudem. E com a pandemia teve uma mudança radical. Antes, eu conseguia trabalhar de uma forma bem tranquila. No período de pandemia, foi um caos. E no retorno, o aluno está bem mais desestimulado. [...] Tem muitos alunos que até hoje (dezembro de 2022) nos dizem “não gosto de prestar atenção, prefiro assistir videoaula à tarde, em casa”. [...] Além disso, é uma luta diária que temos que enfrentar com os celulares, jogos, Instagram e WhatsApp. Eles não param! E esse controle é bem difícil, especialmente porque temos de 30 a 40 alunos em cada turma (Roberto, 61 anos, 21 anos de profissão).

As falas supracitadas são preocupantes e nos alertam para os riscos e prejuízos que essa conectividade desmedida pode causar no comportamento e na saúde mental dos estudantes. É fato que as pessoas, de modo geral, atualmente dedicam mais tempo nas plataformas digitais, trabalham, compram, estudam, se relacionam, têm atendimento médico e fazem inúmeras tarefas que há pouco tempo só seria possível na forma presencial. Um cenário que era esperado, mas que foi fortemente impulsionado pela pandemia e pelo isolamento social decorrente dela. Como resultado de tudo isso, se observam grandes mudanças no modo de viver e de se comportar da população, especialmente desta nova geração, menos crítica em relação aos prejuízos causados pelo tempo dedicado às telinhas.

Para Desmurget (2021, p. 28-29), apesar de noticiarem que “os nativos digitais formam um grupo mutante, hiperconectado, dinâmico, impaciente, zapeador, multifuncional, criativo, curioso por novas experimentações, dotado para o trabalho colaborativo, etc”, o que se evidencia, na prática, é “a imagem de uma geração precedente miseravelmente solitária, amorfa, lenta, paciente, monofuncional, desprovida de criatividade, inapta às experimentações, refratária ao trabalho coletivo, etc” (Desmurget, 2021, p. 29). Essa situação nos provoca, no mínimo, profundas reflexões.

É evidente que um novo grupo de estudantes, que age e se comporta de maneira diferente, está presente nas salas de aula. Com isso, surge a necessidade de se compreender as inúmeras mudanças geracionais ocorridas nessas duas décadas do século XXI e suas implicações na vida dessas crianças, adolescentes e jovens. Refletir sobre o que os tornam diferentes, sobre suas visões de mundo, sobre como estão vivenciando o tempo presente e sobre suas expectativas de futuro é um desafio que se apresenta a todos aqueles envolvidos com a educação.

Como agora habitamos, ao mesmo tempo, dois mundos diferentes — on-line e off-line — é óbvio que isso cria outros padrões de comportamento, produzindo um novo perfil de

estudante. Temos crianças e jovens seduzidos pelo encanto do mundo on-line, da conexão, da exibição, da resposta rápida, do acúmulo de seguidores e, diante deste cenário, é também importante e premente refletir sobre como os professores têm lidado com tantos desafios que se apresentam na sua prática profissional. É sobre isso que trataremos no próximo tópico.

4 Desafios vivenciados por professores em um mundo em que o on-line e o off-line estão cada vez mais conectados

São inúmeras as críticas destinadas à escola e, sobretudo, aos professores que nelas atuam, muitas delas justificadas pelo discurso de que o atual modelo educacional é incapaz de responder aos inúmeros desafios da contemporaneidade. Nesse sentido, entendemos que é necessidade premente pensar em ações que promovam mudanças na estrutura educacional e nos processos formativos docentes. Também estamos de acordo com Nóvoa (2022) quando defende a necessidade de proteger, transformar e valorizar as escolas e seus professores, entre outras razões, por estas serem espaços imprescindíveis para a formação das novas gerações e por ser insubstituível o trabalho do professor, no que diz respeito a sua capacidade de articular “saber” e “sentir”, conhecimentos e emoções, cultura e histórias pessoais.

Analisando as profundas mudanças provocadas pela revolução digital e a geração chamada de Polegarzinha, por habitarem o mundo teclando com a ponta os dedos, Serres (2013) nos explica que

As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com os polegares, a consulta à Wikipedia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam e nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados (Serres, 2013, p. 19).

Ao mencionar sobre essa fissura larga e evidente entre as diferentes gerações, Serres (2013) também alerta que em uma das extremidades dessa fenda

[...] temos jovens aos quais pretendemos ensinar em estruturas que datam de uma época que eles não reconhecem mais: prédios, pátios de recreios, salas de aula, auditórios universitários, campus, bibliotecas, laboratórios, os próprios saberes... Estruturas que datam, dizia eu, de uma época e adaptadas a um tempo em que os seres humanos e o mundo eram algo que não o são mais (Serres, 2013, p. 24).

Assim como Serres (2013), os professores também já perceberam que os estudantes que atualmente frequentam suas aulas são diferentes daqueles pertencentes a gerações anteriores, pois são sujeitos que não têm mais o mesmo comportamento, as mesmas necessidades e os mesmos desejos. São, via de regra, jovens que não se desconectam do mundo virtual; estão focados em seus celulares e redes sociais; são *experts* em transitar entre redes sociais, aplicativos e páginas da internet, quase que simultaneamente; são inquietos, impacientes, menos questionadores, com pouco interesse pelas atividades escolares e com menor capacidade de concentração. Esse quadro, tão desafiador para os professores, tem gerado muitos questionamentos por parte destes profissionais, entre eles: o que fazer para tornar minha aula mais envolvente, mais atrativa? O que ensinar? Como ensinar? Que recursos utilizar? A quem pedir ajuda? Essas são algumas das questões que permeiam as reflexões e angústias de muitos professores.

Diante do exposto, questionamos os professores entrevistados sobre os principais desafios vivenciados em sala de aula nos dias atuais. A indisciplina e a falta de interesse pela aprendizagem, muito relacionadas ao uso do aparelho celular na sala de aula, são aspectos enfatizados por Débora, professora com dois anos de experiência.

Eles não conseguem ficar quietos para ouvir uma explicação, se concentrar na aula. Não prestam atenção porque estão bagunçando ou não prestam atenção porque estão utilizando um equipamento que não é para utilizar (celular). Mesmo quando faço uma atividade diferente, com um material interativo, não consigo cativar a atenção deles. Única coisa que prende a atenção deles é o celular. Esse comportamento é preocupante e eu me sinto triste diante desse desinteresse pelo estudo (Débora, 22 anos, 2 anos de profissão).

A falta de interesse dos estudantes pela aprendizagem também é fortemente enfatizada por Paula e Eduarda, e vista por estas professoras como fatores que causam desmotivação e frustração por parte dos educadores, que investem tempo e energia para preparar aulas e buscar materiais.

[...] mudou muita coisa na educação, mas o jeito que a gente está lidando com eles não está dando certo. Pra mim, o maior desafio é conquistar os alunos, instigá-los para a matéria, instigá-los a procurar, a buscar conhecimento, a aprender, ter essa autonomia, deixarem de ser passivos. Por estarem tão próximos da tecnologia, esquecem da importância que tem o aprendizado. A relação do estudante com o aprender mudou e nós não estamos conseguindo compreender o aluno de hoje (Paula, 24 anos, 4 anos de profissão).

Isso me desmotiva, porque eu preparo as aulas. Eu não sou daquelas que chega na sala e aí vai pensar ‘ah, o que eu vou dar hoje?’. Eu me preparo, estudo pra dar uma boa aula. Antes da pandemia, eu percebia que os alunos eram mais interessados. Eles corriam mais atrás, estudavam mais, se preocupavam mais com os trabalhos, com as responsabilidades. Depois da pandemia a gente voltou para a sala de aula e eu imaginava, agora eles vão perceber como é bom estar na escola, como é bom aproveitar esse momento que tem o professor, tirar as dúvidas, fazer os trabalhos, entregar. Mas vejo que teve um desencantamento com a escola, com o estudar e com a aprendizagem. Posso afirmar que não está legal assim. Eles agem como “vou me concentrar na aula que eu quero, entrego os trabalhos quando eu quiser, não estou a fim de copiar a matéria do quadro, vou dormir” (Eduarda, 29 anos, 6 anos de profissão).

Sem que nos déssemos conta, um novo ser humano surgiu, especialmente depois da pandemia, que, entre os seus inúmeros efeitos, causou alterações no comportamento do estudante. Este, por sua vez, agora parece ter dificuldade em se adaptar ao mundo presencial e a realizar tarefas que exijam concentração e diálogo. Mesmo antes da pandemia, Serres (2013) já alertava sobre a necessidade de os professores se adaptarem a uma nova realidade, uma vez que os métodos tradicionais de ensino já se mostravam ineficazes em promover o interesse e a motivação dos estudantes, cada vez mais imersos no mundo digital. Nesse sentido, a pandemia nada mais fez que acelerar um processo que já estava em curso e acentuar problemas que já existiam, como a falta de interesse e motivação pela escola e pela aprendizagem, como corrobora a fala de Marta, a seguir.

Com a pandemia, que tivemos que trabalhar por um ano remoto, foi horrível, muito frustrante. Não conseguimos ensinar nada; eles não conseguiram aprender nada. Não podemos ser hipócritas e dizer que aprenderam, porque quando voltamos presencialmente para a escola, vimos que a maioria dos alunos regrediu. E hoje (2022) a gente não consegue recuperar o que foi perdido naquele ano (2020). O processo de ensino está mais devagar ainda do que ele já era, antes da pandemia. Os estudantes estão mais acomodados do que eles já eram, mais desinteressados, eles não têm ânimo, na maioria das vezes eles estão apáticos. Dependendo das turmas, quando entramos na sala de aula, eles não esboçam reação nenhuma. Então, essa falta de vontade deles é uma das coisas que eu considero mais difícil. Eles querem estar em casa. Alguns dizem: “profe, é melhor tá em casa dormindo”. Eles não gostam da escola, não querem estudar, mas se você perguntar o que eles mudariam, eles não sabem dizer. Eles dizem que é chato, que a gente cobra demais. O ensino médio reclama mais do que o fundamental. O médio é uma reclamação geral desse tempo que eles passam no ambiente escolar (Marta, 30 anos, 5 anos de profissão).

Culturalmente, os atuais estudantes pouco têm a ver com seus antepassados. Não conseguem se manter quietos e concentrados em sala de aula, se mexem, reclamam, conversam o tempo todo e o professor não consegue mais silêncio e atenção. Iniciando “na educação infantil, a onda do que se chama tagarelice vira tsunami durante o ensino fundamental e acaba alcançando o ensino superior, e com isso, um burburinho permanente torna difícil ouvir o que quer que seja, e torna inaudível a antiga voz do livro” (Serres, 2013, p. 44). Isso acontece, porque

As salas de aula vêm de uma época em que os homens e o mundo eram o que não são mais. O saber dos professores se encontra à disposição on-line. As salas de aula não despertam interesse, e a balbúrdia reinante anuncia o fim da era do saber magistral com uma reviravolta da “presunção de incompetência” (Bastos, 2013, orelha do livro Polegarzinha).

Ainda sobre a dificuldade de se atrair a atenção dos estudantes, Serres (2013, p. 44) nos diz que isso decorre do fato de as Polegarzinhas e os Polegarzinhos não quererem mais “ouvir o escrito recitado”, razão pela qual produzem, em coro, um barulho que abafa a voz do professor. Segundo Serres, a Polegarzinha tagarela tanto porque, para ela, “[...] todos tem o tal saber que se anuncia. Inteiro. À disposição. Na mão. Acessível pela internet, Wikipédia, celular [...]. Ninguém mais precisa dos porta-vozes de antigamente, a não ser que um deles, original e raro, invente” (Serres, 2013, p. 45).

Sobre essa desmotivação e esse desencantamento que parece ter contaminado boa parte dos estudantes, destacamos também os seguintes relatos:

Em torno de 20% a 30% dos meus alunos estudam, fazem as atividades, acompanham as discussões, querem aprender. Os demais, só pensam no celular. Dos terceiros anos, 10%, 15% deles estão pensando em cursar uma graduação, querem uma profissão. Esse ano (2022), vários fizeram o Enem e relataram que se sentiram uns analfabetos em algumas coisas. Se sentiram muito mal com isso, mas eles não querem ficar na escola, porque não é bom, porque a escola não é atrativa. Eu os questiono sobre como eles gostariam que fosse a escola, as aulas, mas eles não sabem responder. O que acontece é que eles tentam sempre colocar o professor como a parte ruim. O professor é desmoralizado, desdenhado, falam horrores, riem dos professores. Na escola onde eu trabalho os professores são formados com no mínimo uma especialização; vários têm mestrado e alguns doutorado. Mas como captar a atenção deles? Porque só o celular os atrai. A gente precisa de orientação sobre como lidar com esses estudantes. Professores com uma longa trajetória tem as mesmas dificuldades e falam que nunca viram um comportamento assim (Júlia, 48 anos, 12 anos de profissão).

[...] está muito difícil cativar a atenção dos alunos hoje, tem que “rebolar” muito. É preciso ser muito didático, e isso é um grande desafio. Eu tenho estudado e utilizado a aula maker, especialmente quando eles estão um pouco cansados, quando eu já dei conta do conteúdo. Só que eles só gostam de aula maker. E a partir do momento que eu abordo o conteúdo, eles não querem saber de conteúdo. Essa falta de vontade de estudar acaba desanimando o professor também. Eles gostam do mais fácil possível, o que demora menos, eles não têm paciência pra esperar, pra ver, pra confirmar. É o mais rápido, e só (Eli, 41 anos, 10 anos de profissão).

Os relatos acima são preocupantes e são causas de desmotivação para muitos profissionais da educação, que se veem desvalorizados e despreparados para atuar em um cenário tão permeado de incertezas e mudanças, muitas delas negativas. Essas reflexões também nos levam a questionar sobre as razões para este comportamento dos estudantes em relação à escola e aos seus professores. Para Serres (2013), a dinamicidade, o poder de atenção e a importância que tem o mundo on-line na rotina destes estudantes — fortemente formatados pela mídia, pela publicidade e propagandas — acabam ofuscando o papel da escola e dos educadores, razão pela qual estes têm sido constantemente criticados, menosprezados e vilipendiados.

Mas o que fazer diante de um cenário tão desafiador e incerto? Que caminhos seguir? O que considerar no planejamento de uma aula? Qual a abordagem mais adequada? Que recursos e instrumentos mais se adequam ao perfil do estudante desta nova geração? Estas são apenas algumas das questões complexas que têm desafiado gestores, professores e formadores de professores.

Nessa perspectiva, pesquisadores têm apontado caminhos e orientações que possam auxiliar o docente nessa empreitada. Twenge (2018), por exemplo, ao considerar que os estudantes raramente assistem a vídeos com duração de mais de três minutos, orienta para a

importância de se intercalar diferentes atividades, como discussões, vídeos e demonstrações. Imagens, sons, figuras interativas e testes divertidos também são vistos pela autora como excelentes recursos, considerando a relutância que muitos estudantes demonstram pela leitura de textos longos. Sobre esse aspecto, a autora esclarece que não defende a ideia de que o professor ceda à pressão dos estudantes ao reclamarem sobre atividades envolvendo a leitura, mas sim que “para ir ao encontro deles, muitas vezes, resumir os conteúdos é um bom caminho” (Twenge, 2018, p. 340).

Considerando ainda o tempo de exposição dos jovens à internet e o impacto negativo que tem sido causado pelas famosas *fake news*, Twenge (2018) enfatiza que os estudantes precisam ser ensinados a avaliarem a confiabilidade das fontes de informações e a desenvolverem o raciocínio crítico sobre conteúdos veiculados na mídia e nas redes sociais. A autora ainda chama a atenção para a necessidade de se buscar relações entre aquilo que é ensinado na sala de aula e as experiências pessoais trazidas pelos estudantes. Para a autora, esse quadro educacional que atualmente se apresenta

[...] é uma pílula difícil de engolir para muitos membros das gerações *Baby Boomer*, *X* e até *Millenial* que integram os corpos docentes, os quais amam a matéria que lecionam e querem que seus alunos também a apreciem. Em sala de aula, tento equilibrar isso dedicando parte do tempo às discussões, em geral perguntando aos alunos sobre suas experiências e como elas se relacionam com a matéria. Embora saiba que muitos deles só se preocupam com as notas, espero que também vejam como a matéria pode ajudá-los a entender o mundo (Twenge, 2018. p. 341).

Assim como Twenge, Serres (2013) também defende que é premente a necessidade de mudanças profundas no ensino praticado nas instituições escolares. Mudanças essas que repercutirão, também, na sociedade e no conjunto de suas instituições, como no mundo do trabalho, nas empresas, na saúde, no direito e na política. Inventar o inimaginável e pensar em ações que ultrapassem velhos hábitos que moldam nossos comportamentos, nossa mídia, nossa sociedade é o convite que Serres (2013) nos faz. E alerta que é esse novo caos que anuncia uma reviravolta, e é essa desordem que vai possibilitar a invenção, já que, para redesenhar a página, é preciso esquecer a ordem e a rotina que temos hoje.

Somos todos habitantes de um mundo em transformação e, diante deste cenário, marcado por tantas mudanças e incertezas, se faz urgente que gestores, professores, pesquisadores, estudantes, famílias e representantes dos poderes públicos se unam nesse

processo de reinvenção do ensino e da escola como um todo. É papel das universidades buscar caminhos para compreender as necessidades formativas dos profissionais que diariamente lidam com esse público tão diverso e conectado. A saúde mental dos profissionais da educação e dos estudantes também deve ser pauta de discussão, uma vez que isso impacta diretamente no seu processo de ensino e aprendizagem, assim como na qualidade das relações estabelecidas dentro do ambiente escolar.

5 Considerações finais

Com a revolução tecnológica, as sociedades contemporâneas possuem características distintas das sociedades passadas. A universalização da internet, a criação das redes sociais e a popularização do celular não só transformaram a cultura, mas também os hábitos e os comportamentos das pessoas. As telas têm dominado nossas vidas, de modo especial a dos jovens, que nem se dão conta do quanto isso tem modificado suas atitudes, condutas e relacionamentos.

O vício frenético da atual geração pelos celulares e pelas redes sociais é um fenômeno planetário e que ocorre pela primeira vez na história da humanidade. Assim, são inúmeras as situações e os desafios que se apresentam à sociedade e cujos efeitos ainda não conseguimos avaliar em sua totalidade. Trata-se de uma geração que vive e, provavelmente, vai morrer imersa em uma rotina em que o mundo on-line é mais acessado do que o off-line. Fato este que nos instiga a analisar e compreender os desafios atuais vivenciados pelos professores, cotidianamente, em sala de aula.

Desse modo, com este trabalho buscamos compreender: quais as implicações que as características desta geração chamada de *Z/Centennial/iGen/Polegarzinha* pode trazer para a educação e, de modo especial, para o trabalho docente? Se considerarmos que as sociedades e os conhecimentos mudam constantemente e que cada geração precisa de novas respostas, qual é a melhor resposta que podemos dar, hoje, para os nossos estudantes?

Apesar de serem inúmeras as tentativas de se adaptar ao contexto contemporâneo, ainda não se conseguiu mudar a essência da escola e do trabalho dos professores, pois trocar o lápis e o caderno pela *touch screen* do mais moderno tablet não é suficiente para mudar os fundamentos institucionais, que continuam os mesmos (Alevato, 2015). Por isso, todos esses

questionamentos e constatações devem ser levados em conta por aqueles que fazem a gestão das políticas educacionais e dos processos de ensino.

As falas dos professores participantes desta pesquisa apontam para a complexidade envolvida nesta nova geração de estudantes, para os desafios que se impõem ao trabalho do professor e para a necessidade de se ressignificar os modos de ensinar dentro da sala de aula. A presença desse novo público desafia as rotinas escolares já estabelecidas e exige que elas sejam repensadas e transformadas. Temos muitas perguntas, mas ainda poucas respostas. Diante disso, temos um terreno fértil para mais investigações que tenham como foco compreender as necessidades formativas dos professores para atuarem nesse cenário tão desafiador, assim como as necessidades dos estudantes, sempre tão ativos nas redes sociais, mas, tantas vezes apáticos e indiferentes a tudo o que a escola tenta oferecer.

Referências

- ALEVATO, H. A escola básica e suas revoluções necessárias: desafios à formação docente. In: PARENTE, C. da M. D.; VALLE, L. E. L. R. do; MATTOS, M. J. V. M. de (org.). **A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Z.; LEONCINI, T. **Nascidos em tempos líquidos**: transformações no terceiro milênio. Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BERARDI, F. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007. Tradução de Adir Luiz Ferreira e Margarete Vale Sousa.
- DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais**: os perigos das telas para nossas crianças. Tradução Mauro Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2021.
- FLANZER, S. N. **Jovens em tempos digitais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consultor, 2020.
- GASPAROTTO, D. M.; MENEGASSI, R. J. Aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 948-973, set./ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2016v34n3p948>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- IBIAPINA, I. M. L. de M.; FERREIRA, M. S. A pesquisa colaborativa na perspectiva sócio-

histórica. **Linguagens, Educação e Sociedade, Teresina**, n. 12, p. 26-38, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1569>. Acesso em: 18 jun. 2023.

NÓVOA, A. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Relatório anual da Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes (JIFE)**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/174623-estudo-apoiado-pela-onu-exp%C3%B5e-elo-entre-drogas-il%C3%ADcitas-e-redes-sociais>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TWENGE, J. M. **iGen: Por que as crianças de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a vida adulta**. Tradução Thais Costa. 1. ed. São Paulo: nVersos, 2018.

Enviado em: 14/08/2023
Revisado em: 19/03/2025
Aprovado em: 01/04/2025